

Travessias: migração e violência simbólica nas tramas de literaturas negras

Crossings: migration and symbolic violence in the narratives of black literatures

Gilberto Gomes Pereira¹ , Andréa Vettorassi¹ 

¹ Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar, por meio da literatura, como os negros da diáspora africana nas Américas se movimentam, buscando garantias de sobrevivência e de segurança contra a violência que sofrem cotidianamente, desde a violência do Estado, passando pela violência social e do mercado, à violência simbólica, conceito central do sociólogo Pierre Bourdieu. Do tráfico negreiro até a contemporaneidade, a migração marca a história dos povos negros. Alguns dos resultados da pesquisa demonstram que a história do negro nas Américas é uma história de constante migração, com efeitos imensuráveis em suas identidades e construções sociais, que sulca a memória afetiva e que se torna mais um marcador social de violência e desigualdade. A metodologia empregada é a comparativa-descritiva com a técnica de análise documental. Como sujeitos da análise, foram escolhidos quatro romances de quatro autores afrodescendentes de países diferentes da diáspora.

Palavras-chave: Migração; Literatura; Racismo; Violência simbólica

ABSTRACT

This article aims to show, by the literature, how the black people from the African diaspora in the Americas move, searching for surviving and security guarantees against the violence they go through in the everyday life, from the violence by the State, the social and market violence, to the symbolic violence, which is Pierre Bourdieu's central sociological concept. From the slave trade up-to the contemporaneity, the migration stamps the history of the black people. Some results of the research show that the history of the black people in the Americas is a history of ongoing migration, causing unfathomable effects in their identities and social constructions, which groove the affective memory, and become one more social marker of violence and inequality. The methodology applied is the comparative-descriptive one,

using the technique of document analysis. As subject of the analysis, it was chosen four novels, by authors of four different countries.

Keywords: Migration; Literature; Racism; Symbolic violence

INTRODUÇÃO

“Por que a gente não podia nascer, crescer, multiplicar-se e morrer numa mesma terra, num mesmo lugar?” A pergunta é pertinente para muitas pessoas em muitos lugares ao redor do mundo, porque pessoas migram; às vezes, trata-se de um indivíduo da família que vai tentar a sorte em outro canto. Às vezes, são famílias inteiras que deixam seus lares por razões tão díspares quanto o número de seres dessa imensa esteira de mobilidade humana.

Mas a pergunta acima tem uma inquietação que vai além do questionamento individual. Foi feita por um homem negro nascido no Brasil, como poderia ter sido de um homem negro nascido no Uruguai, Canadá, Estados Unidos ou em qualquer localidade do Caribe, não importa.

O que importa é que este homem, surgido no mundo como fruto de um dos mais densos e cruéis processos de migração da história, a diáspora africana nas Américas, a diáspora forçada que trouxe negros escravizados para movimentar uma economia baseada na violência e na subjugação. De certa forma, ele é um herdeiro desse processo, como os são quase todos os negros das Américas que migram de um país para outro, de uma cidade para outra, ou mesmo de um bairro para outro, carregam em comum um tipo de urgência que passa por sua condição de herdeiro desse legado.

A pergunta na abertura deste texto é do Tio Totó, personagem de *Becos da memória*, romance de Conceição Evaristo. O fato de ser ficção não invalida sua inquietação, pois reflete a realidade sociológica a diáspora negra. Afinal, “a obra literária pode por vezes dizer mais, mesmo sobre o mundo social, que muitos escritos com pretensão científica”. (Bourdieu, 1996, p. 48).

O objetivo deste artigo é mostrar, por meio da literatura, como os negros da diáspora africana nas Américas se movimentam, buscando garantias de sobrevivência e de segurança contra a violência que sofrem cotidianamente, desde a violência do Estado (racismo institucional), passando pela violência social e do mercado (racismo estrutural), à violência simbólica.

Toda obra afrodescendente no continente americano traz elementos em comum, frutos da diáspora produzida pelo processo colonizador. Esta é nossa hipótese. Para demonstrá-la, analisamos processos migratórios como um dos elementos comuns em quatro romances de diferentes autores negros, a saber: *At the full and change of the moon* (inédito em português), da trinitária, naturalizada canadense, Dionne Brand; *The Underground Railroad: os caminhos para a liberdade*, do americano Colson Whitehead; *Breve história de sete assassinatos*, do jamaicano Marlon James; e *Becos da memória*, da brasileira Conceição Evaristo.

O método utilizado para desenvolver o estudo proposto é de caráter comparativo-descritivo, com abordagem qualitativa da sociologia das obras, tendo como eixo teórico a perspectiva sociológica de Pierre Bourdieu.

Antes de iniciar a análise propriamente dita das obras escolhidas, é preciso mencionar que a migração é um recorte dentro de uma série de elementos que aproximam as diversas literaturas afrodescendentes nas Américas. Evidentemente, há vários outros elementos que as diferenciam, como as características históricas da escravidão, as abordagens religiosas, as línguas do colonizador, etc.

Nosso interesse, no entanto, é sobre os elementos que aproximam essas literaturas, que, embora sejam muitos, podem se agrupar em duas vertentes. A primeira delas é a da escravidão e suas consequências, como o racismo e suas múltiplas implicações; a segunda é a da cultura e suas variações, como a música, o modo de vestir, o modo de falar as línguas, o modo como carregam no corpo e na alma certo legado de seus povos de origem.

A migração acaba sendo uma espécie de duto convergente de todos os elementos

em comum, além de ser um traço marcante desde os primórdios da escravidão, uma vez que a primeira migração (forçada), no contexto sociológico que analisamos, é justamente a que deflagrou a transportação dos negros africanos como escravizados para as Américas.

O processo migratório é analisado como fenômeno social. A migração é importante neste contexto porque suas características – tanto da migração interna (de um bairro, uma cidade ou um Estado para outros) quanto da migração externa (de uma país para outro ou mesmo de um continente para outro) – demonstram quase sempre, na mobilidade dos negros, uma tentativa de libertação, ainda que simbólica, das amarras do legado da escravidão.

Desde o período da escravidão, as migrações vêm contemplando essa vontade de liberdade. Era sempre uma locomoção na busca de garantias de sobrevivência e de segurança. A corrida para quilombos ou a fuga do cativeiro para uma cidade eram um tipo de migração.

Essas características estão presentes nos romances afrodescendentes, de algum modo, quer se trate de um romance de época, como *The Underground Railroad* – que retrata um período específico do século XIX no Sul dos Estados Unidos, com movimentações espaciais que chegam até o Canadá –, quer se trate de romances com ambientação contemporânea. É o caso de *At the full and change of the moon*, que retrata a migração de personagens de Trinidad e Tobago para EUA, Canadá, Inglaterra e Holanda, e de um espaço para outro dentro do próprio país de origem.

Do mesmo modo, este é mais ou menos o caso de *Breve história de sete assassinatos*, ambientado em Kingston, na Jamaica, mas como expansão espacial tanto simbolicamente quanto geograficamente para os EUA e Europa, criando assim um macrocosmo da periferia.

Já *Becos da memória* é uma espécie de microcosmo de geografia expandida dos romances anteriores, porque lida com espaços reduzidos, o universo dos negros dentro de uma favela prestes a ser demolida, e eles, portanto, terão de se mudar

(migrar) para outro lugar (outra favela). Neste sentido, a história do negro nas Américas é uma história de constante migração, até hoje.

A literatura é usada aqui como fonte sociológica, que nos permite mirar as relações pulsantes do mundo social do negro, analisando os espaços dos possíveis da arte, ao mesmo tempo que continua mantendo seu brilho artístico. Os espaços dos possíveis são as ações, embora criadas pelo autor, inseridas num universo de possibilidades, revestidas de legitimação pelo *habitus*, não só do autor, mas o *habitus* estruturalmente de todo o campo social de que o autor faz parte, bem como a produção intelectual referente a esse campo que o autor, por ventura, tenha tido acesso (BOURDIEU, 1996).

Bourdieu diz que “a herança acumulada pelo trabalho coletivo apresenta-se a cada agente como um espaço de possíveis, ou seja, como um conjunto de sujeições prováveis que são a condição e a contrapartida de um conjunto circunscrito de usos possíveis.” (1996, p. 266). E é dentro deste espaço dos possíveis que se move toda trama fictícia, cujo conteúdo pode ser analisado como um conjunto de fenômenos sociais.

A INQUIETAÇÃO DA MOBILIDADE

A passagem do meio e os traumas eternos

Antes de analisar as obras propriamente, é necessário ao menos um comentário sobre o processo mais complexo e traumático da construção do mundo social dos negros nas Américas, que é a captura e o transporte dos escravizados ao longo do Oceano Atlântico, travessia conhecida historicamente como *Middle Passage* (Passagem do Meio). Este processo desumanizou os capturados, transformando-os em meras máquinas de trabalho. E houve uma técnica consciente para isso, um procedimento que a historiadora americana Sowande' M. Mustakeem chamou de “processo de escravização no mar”.

A autora deixa de ver o Oceano Atlântico apenas como uma imensa via de “transporte de bens, tanto humano quanto material” e o aborda como “um espaço viável e transformador da história.” (Mustakeem, 2016, p. 5). Para ela, *A Middle Passage* criou um espaço *sui generis* da diáspora que afetou sobremaneira a vida dos escravizados e seus descendentes nas Américas.

Em seu livro *Slavery at sea – terror, sex, and sickness in the middle passage* (2016), Mustakeem defende a tese de que o tratamento dado aos negros dentro dos navios era um desmanche do corpo negro como corpo humano. Os africanos passavam de 30 a 60 dias de viagem no convés de um navio levando pancada todos os dias.

Tudo era feito metodicamente, a fim de arrancar qualquer disposição de o escravizado ser valente, de querer lutar, embora houvesse lutas, e foram muitas. Os capturados passavam fome, crianças eram assassinadas na frente das mães, mulheres sofriam terror sexual, eram estupradas, espancadas, envenenadas, sofriam abortos (Mustakeem, 2016).

A violência sexual era um instrumento de tortura e parte da transformação do humano em objeto. Por isso mesmo, a mulher escravizada sempre esteve no grupo mais vulnerável da história dos negros da diáspora africana nas Américas, porque sempre sofreu um escrutínio de violência, que começa na travessia e não para nunca.

Mustakeem cita a historiadora Deborah Gray White que diz: “When the women and girls are taken on board a ship, naked, trembling, terrified . . . they are often exposed to the wanton rudeness of white savages’.” (Mustakeem, 2016, p. 84). Mais adiante, Mustakeem diz: “Crew members commonly referred to the women’s quarters on one ship as ‘the whore hole’.” (2016, pp. 84-85).

As mulheres já entravam nos navios sendo lembradas pelos marinheiros – em linguagem gestual – de seu papel sexual ali dentro, rotineiramente, metodicamente, por meio de maus tratos e da internalização de que elas eram derrotadas e sem poder (Mustakeem, 2016).

Havia uma diferença em relação aos homens, que também podiam sofrer

violência sexual. Eventualmente, elas recebiam presentes e flores, numa falsa ideia de docilidade a que eram submetidas. Tinham de ser doces e sem voz, recebiam flores e depois porradas, chicotadas (Mustakeem, 2016).

Os marinheiros se sentiam com poder sobre as mulheres que estupravam e espancavam, e muitas vezes uma mesma mulher era submetida a essa violência por vários marinheiros. Ao chegar ao porto de destino, entregavam as mulheres só o trapo, e não eram sequer advertidos pelas violências que cometiam, como gravidez, doenças venéreas, lesão corporal, tormentos psicológicos (Mustakeem, 2016).

Essa violência de mais de 300 anos entra no *habitus*, é levada para fora dos navios, enfiada na vida social dos escravocratas e no corpo do escravizado de tal modo que se naturalizava. A naturalização dessa violência está no crivo da cultura do estupro e da violência simbólica, além de ecoar na memória coletiva dos negros.

A experiência da *Middle Passage* é uma experiência de migração forçada, violenta e traumática, com sequelas que estão sendo trabalhadas hoje nas artes, nas investigações científicas, na sociologia. E o efeito disso tudo – incluindo a luta contra tudo isso – faz dos negros muito diferentes dos outros imigrantes das Américas.

Mas a diferença fundacional entre a migração voluntária dos europeus e a forçada dos africanos para as Américas não se restringe à violência constante e à tentativa de desumanização. Ela se dá pelas condições e meios que os europeus tiveram para conectar o mundo que deixaram para trás ao mundo em que estavam entrando.

É o que a historiadora das ideias Stephanie E. Smallwood chama de “reorientação cognitiva”, que os colonizadores tiveram, por meio de cartas, jornais, diários, panfletos e livros, para criarem a ideia de Velho e Novo Mundo, e os africanos não tiveram (Smallwood, 2007). Isso é uma gigantesca violência simbólica. Sem se referir ao conceito bourdieusiano, a autora diz:

The cultural tools people employ to make sense of displacement are the means by which migrants guard against that implosion of self and attachment. Without these tools, the disruption of migration leaves

disintegration in its wake that neither the individual immigrant nor the community of immigrants can bear. (Smallwood, 2007, p. 183).

Impossibilitados de uma “reorientação cognitiva”, os africanos permaneceram suspensos na indefinição da existência, sem um lar, sem referências geográficas. Em função disso, permaneceram com a antiga relação de tempo-espço, uma noção de caminhos circulares, com as ruínas de suas línguas e de suas referências culturais (Smallwood, 2007, p. 184).

Sem cartas e jornais para estabelecer uma consciência de outra realidade, alguns africanos buscavam medidas extremas, saíam de canoa em rios procurando o caminho de volta para casa. Outros eram mais radicais. Cometiam suicídio num local com água corrente, simbolicamente estratégico, que pudesse levar sua alma para casa (Smallwood, 2007).

Do grego: *dias* (através) + *sporus* (disseminação), diáspora significa ‘espalhamento’ de sementes, sementes estas que germinaram no novo solo apesar de tudo. Os negros começaram a espalhar suas sementes pelas Américas, de acordo com a cultura de onde vinham, Golfo do Benin, Golfo do Biafra, Senegal, Gâmbia, África Centro-Ocidental (Costa do Marfim, Mali, Nigéria, Serra Leoa) (Smallwood, 2007). A inquietação da mobilidade está nas narrativas estudadas. Às vezes, famílias negras se assentam num bairro, ou numa favela, mal criam seus filhos e a segunda geração já tem de se mudar.

O mesmo mar

Em *Becos da memória*, a narradora é Maria-Nova, uma mulher adulta que mergulha nas lembranças suas e dos outros, como nas do Tio Totó, da Maria-Velha (sua tia também), da Vó Rita, da Mãe Joana, para falar da favela onde morou na adolescência, nos anos de 1950, numa possível Belo Horizonte, cidade natal da autora.

Maria-Nova narra em terceira pessoa, com a perspectiva de quando tinha 13 anos, mostrando os sonhos, a esperança, a luta diária, o amor, a violência, a pobreza, os desejos, o sexo e as festas dos moradores.

A narrativa se circunscreve no momento crucial em que a favela está prestes a se desmanchar a mando de alguém que ninguém sabe exatamente quem, mas que o leitor pode traduzir como a mão invisível do mercado em conivência com o poder público. Esse tipo de abordagem é sempre traumático, e mantém na alma do migrante uma sensação de não pertencimento, de vazio perpetrado por quem não tem o menor apreço pela figura de quem mora ali, quase todos negros, descartáveis, removíveis.

Segundo Andreilino Campos, ao analisar o processo de criação e desmonte das favelas no Rio de Janeiro, as áreas ocupadas são consideradas “depósito de entulho humano” (Campos, 2010, p. 66), que são retomadas pelo poder público em nome da elite sempre que os interesses de mercado se voltam para elas.

Entendemos como desconstrução do espaço favelado a ação do Estado associada aos interesses da classe dominante, quando esses dois agentes impõem, de maneira compulsória, o deslocamento forçado da população mais pobre de uma determinada área da cidade, visando reassentá-la em áreas distantes. (Campos, 2010, p. 66).

No caso dos personagens de *Becos da memória*, todos teriam de migrar para o outro lado da cidade, para fundar outra favela, até que viesse alguém e os expulsasse de lá também. Ao ser desfeita a favela, são desfeitos também os sonhos e a esperança desses moradores, que deixarão o que um dia fora seu lar para trás, sem nunca mais poder voltar, e migrarão para outro espaço onde terão de começar tudo de novo, como numa nova travessia.

Muitas vezes, as pessoas fazem isso, sem força aparente para protestar ou lutar, como se aceitassem o destino. É o caso dos personagens criados por Evaristo. Eles resmungam, protestam verbalmente em seus cantos, mas veem-se desamparados, sem ter onde se apoiar, praticamente abandonados pelo poder público.

A violência que sofremos sem saber que a sofremos, diz Bourdieu, é “a própria definição de violência simbólica”, pois parte de ações invisíveis, mais difíceis de serem combatidas (Bourdieu, 2021). Mas ele também diz:

A violência que chamo de simbólica é exercida com a cumplicidade daqueles que a sofrem. O termo 'cumplicidade' é perigoso porque comporta, como eu já disse várias vezes, o risco de sugerir a ideia de que a vítima aplica sua própria punição conscientemente, quando na verdade essa cumplicidade pode acontecer simplesmente através da forma de um desconhecimento. (2021, pp. 191-92).

Assim, a migração pode ser efeito de uma violência política, de guerra, de fome, de perseguição religiosa, mas também efeito de uma força movida pelo racismo estrutural. O efeito dessa migração é o da violência simbólica.

O romance *The Underground Railroad: os caminhos para a liberdade*, ambientado em sua maior parte no Sul dos Estados Unidos, racista e escravocrata, mostra escravizados em fuga tramando uma rede de apoio nos subterrâneos da sociedade estadunidense, buscando o Norte, tentando sobreviver em liberdade, com empregos oferecidos por brancos solidários.

De fato, muitos brancos abolicionistas ajudam os fugitivos, que conseguem escapar para lugares mais longe como Nova York, ou até mais longe ainda, e definitivo, como o Canadá, tornando-se verdadeiros imigrantes.

Esse processo migratório entre fugas mostra a dinâmica da mobilidade dos negros na diáspora. No entanto, há também um gesto de violência simbólica incrustado nessa rede de solidariedade que poucos na trama conseguem perceber, mas não escapa à perspicácia da protagonista Cora. Ao fugir da fazenda de algodão na Geórgia, ela arranja abrigo e emprego de baby-sitter na casa de uma família de brancos abolicionistas, na Carolina do Sul.

A ideia é continuar fugindo para mais ao Norte, só que ela começa a gostar do emprego e do dinheiro que ganha. Sente-se livre, e quer ficar. Os apoiadores, então, dão-lhe um emprego aparentemente "melhor", no Museu das Maravilhas Naturais.

Nesse novo trabalho, Cora tem de atuar no que a curadoria do museu chama de História Viva, dividindo seu tempo em três ambientes: Cenas da África; A Vida no

Navio Negreiro; e Um Dia Típico na Fazenda, “vestindo roupas de escravo”. E aí, Cora percebe que os negros são os únicos atores vivos; os brancos são bonecos. Decidiu então continuar fugindo para mais longe, até conseguir alcançar o Canadá, depois de muitas lutas e perdas.

Esse despertar de Cora livra-a, ao menos momentaneamente, da sequência de violência simbólica que vinha sofrendo, e da ameaça constante da violência física. Além disso, seu corpo continua carregando as marcas que fazem das pessoas negras um alvo.

Quanto aos romances *Breve história de sete assassinatos* e *At the full and change of the moon*, ambos trabalham espaços e tempos multidimensionais. O segundo, por exemplo, narra uma miríade de histórias que começam com a matriarca Marie Ursule, escravizada no começo do século XIX, e que em 1824 executa um plano de matar envenenados todos os escravizados da Fazenda onde servia, e os donos, só deixando viva sua filha caçula, Bola, para ser levada a um lugar seguro por Kamena, um amigo que conhecia os caminhos para um quilombo.

Os escravos morrem, Kamena foge com Bola, mas alguém trai Marie Ursule, salvando os senhores. Marie Ursule é torturada até a morte. A cena da tortura é marcada pela voz da escravizada:

‘This is but a drink of water,’ she told them when they killed her. ‘This is but a drink of water,’ they heard her say after they broke her arms dragging her. After they put the rope around her neck, after she confessed gladly to her own name alone, ‘This is but a drink of water to what I have already suffered.’ (BRAND, 1999, p. 21).

É nesse quadro trágico que morre a matriarca para florescer sua filha, Bola, que daria à luz uma meia dúzia de filhos que, por sua vez, proliferariam dezenas de outras gerações até o final do século XX, espalhados pelo Caribe, Brasil, Venezuela, EUA, Canadá, Inglaterra e Holanda.

Marie Ursule morre de um jeito horrível, mas não para de dizer que o modo

como estava sendo morta não era nada diante do que já tinha sofrido. Ela era africana. A frase “This is but a drink of water”, para dizer que aquilo não a afogava, sugere uma referência ao imenso mar de sofrimento, uma referência à *Middle Passage*.

Bola, a filha de Marie Ursule, é de fato a disseminadora de almas negras do Caribe para o mundo. Ela dormia com homens e se engravidava e, depois que paria, entregava o filho ao pai. E assim os filhos iam se espalhando. Os descendentes de Marie Ursule não se conhecem. Muitas vezes, passam uns pelos outros como quem passa por uma multidão anônima.

Ao plasmar essas vidas num romance colossal como este, a autora propõe o comum da vida negra na marcha cotidiana. Ela não aponta para o especial, não joga luz sobre pessoas talentosas que conseguem se disciplinar e organizar seu talento para se erguer dentro do capitalismo.

Dionne Brand foca o mundo ordinário e complexo das pessoas pretas que, cansadas de viver na miséria, vão tentar a sorte em outro lugar, e muitas vezes só mudam de endereço, a luta continua desigual, sempre. São pessoas comuns que vivem experiências extraordinárias diariamente, no sentido mais cabal das relações sociais.

Neste romance de Brand, o universo mágico interage com a realidade brutal dos negros, em sua luta para construir um novo mundo no lugar para onde foram levados, ou para onde seus ancestrais foram levados, forçadamente. Era o mundo que tinham, é o mundo que têm.

Aprópria narrativa de Brand também é um elemento na construção desse mundo, porque nenhum mundo se constrói sem sua parte simbólica, mítica, metafórica, sem a parte que perpassa o imaginário social, fornecendo memória e símbolos, fornecendo significados, ancestralidades, crenças, tudo sendo atualizado pela força da vida social e de suas relações.

Em *Breve história de sete assassinatos*, a questão da migração também está presente, e de forma dialógica, porque aparece no sonho das pessoas de deixarem o país, nas metonímias geográficas, e nas migrações de quem já saiu. A narrativa

explora a imagem da Jamaica como uma grande metáfora, primeiro do Caribe, depois da América Latina e suas ramificações na América branca, e por fim do mundo inteiro, atravessada pelo paradigma da economia de mercado: “Copenhagen City e Eight Lanes são muito grandes e toda vez que você chega ao limite, o limite anda um pouco mais pra frente que nem uma sombra, até que o mundo inteiro seja a favela.” (James, 2017, p. 22).

Nina Burgess, que se autodescreve como mulata, quer deixar a Jamaica, quer ir para Nova York. “Não é bem o crime que me faz querer ir embora daqui, é a possibilidade de que ele possa acontecer a qualquer momento, a qualquer segundo, talvez no próximo minuto.” (James, 2017, p. 123).

Dos cidadãos inocentes aos criminosos, em *Breve história*, quase todos confessam a vontade de migrar, quase sempre para os Estados Unidos, mas também para a Europa, todos querendo fugir da violência. Kim-Mary, a Kimmy, irmã de Nina Burgess, namorou o filho do ministro das Relações Exteriores, porque ele viajava a cada seis semanas para Nova York (James, 2017), e ela estava esperando um visto para viajar junto, um visto que nunca vem.

Babam-Bam tem 15 anos. É um adolescente que evadiu da escola aos dez anos, e logo depois começou a matar. Mas há um momento em que ele está sendo perseguido e está cansado de ser usado como bandido pelos donos do poder e quer ir embora (James, 2017).

O que está posto neste cenário de tensão, neste lugar em que as relações de força criam um ambiente hostil de pobreza e violência, é um tipo de tragédia social, marcado o tempo todo pela violência simbólica do jogo de poder. As relações simbólicas servem para fortalecer as relações de poder político e poder econômico (Bourdieu; Passeron, 1992).

As relações simbólicas e de força são fundamentais para a percepção das relações sociais, além de determinantes para a compreensão de classes e de representações sociais. (Bourdieu, 1989). Ou seja, temos consciência de nossas posições no mundo

social quando mantemos relações de força com o outro, quando classificamos e nomeamos o outro de acordo com o seu capital simbólico. Categorias (*katègorien*) significa acusar publicamente. Quando elogiamos, louvamos, insultamos, criticamos, censuramos, acusamos, estamos determinando e reconhecendo, também, nossa *posição social*.

A organização dos sistemas simbólicos é feita a partir da lógica da diferença. O capital simbólico é significativo quando conhecido e reconhecido por agentes do espaço social, e o Estado é o que mais categoriza, pois é o detentor do monopólio da violência simbólica legítima. O poder simbólico dos agentes está relacionado à posição que estes ocupam no espaço social. Quanto maior o domínio do espaço social, maior seu poder simbólico.

O espaço social tem diversas dimensões. Bourdieu rompe com a representação unidimensional do mundo social (a visão dualista marxista que reduz a estrutura social à oposição entre os proprietários dos meios de produção e os vendedores de força de trabalho). O espaço social é multidimensional, um conjunto aberto de campos relativamente autônomos e subordinado a transformações (mais ou menos direto ao campo de produção econômica). Os ocupantes das posições dominantes e dominadas estão envolvidos em lutas de diferentes formas, mas não constituem necessariamente grupos antagonistas. Evidentemente, migrar significa perda abrupta da possibilidade de construção de *status* e posição social. Migrar não só faz parte do legado da maior parte dos povos negros, mas também da construção de uma memória identitária ou da ausência dela. Quando existente nas histórias e trajetórias familiares, esta memória é marcada pela opressão e violência simbólica de formas múltiplas, tanto na ficção quanto na realidade, como podemos ver a seguir em um pontual exemplo.

Ficção e realidade

A migração está presente nas sociedades, e a literatura contempla isso o tempo todo. Há uma literatura do exílio, de autores que migraram, mas há também a migração

como elemento da narrativa, independentemente de ser literatura do exílio ou não, que é o objeto deste texto, com o complemento da voz negra. E ela existe porque a realidade transversal do negro, filho da diáspora africana nas Américas, está presente em toda pessoa negra.

Isso é sociologicamente verificável nos corpos sociais da ficção, mas também o é na massa de migrantes reais de vários lugares do mundo, como Londres, Toronto, Bronx e Brooklyn (Nova York). No Brasil, essa constatação não é diferente. O livro *Laços de trabalho, fios da memória e redes migratórias*, da socióloga Andréa Vettorassi, mostra como o processo migratório dos negros vem acompanhado da violência simbólica.

Entre os anos de 2003 e 2009, a autora pesquisou e analisou redes migratórias no interior de São Paulo, e constatou o modo como essas redes eram percebidas no escopo das relações sociais dentro das cidades de Guariba e Serrana. Em Guariba, diz Vettorassi, “grupos heterogêneos se separam entre os que chamo de ‘nativos’ e os ‘de fora’, que se diferenciam em diversos aspectos: o primeiro grupo é constituído de brancos; o outro, de negros e seus descendentes” (Vettorassi, 2018, p. 104).

Ou seja, os imigrantes tanto de Guariba quanto de Serrana eram negros e pardos, e moravam em bairros periféricos. Seus filhos nascidos ali também eram chamados de migrantes, e o tratamento que todos recebiam era carregado de violência simbólica, sustentada pela xenofobia e pelo racismo. “Utilizando-se da expressão migrante, o nativo mascara um preconceito racial tão forte quanto o de naturalidade, e atribui ao ‘de fora’ todos os males de sua sociedade, em especial os índices de criminalidade.” (2018, p. 104).

Essa condição de forasteiro e hospedeiro do mal, os negros recebem sempre no mundo colonizado. Os brancos, não. Basta olhar para a história dos gaúchos que migraram para o Mato Grosso, Tocantins e vários Estados do Nordeste. Majoritariamente se tornaram donos de terras, plantadores de soja, cultivadores de uvas, etc. Os brancos migram para ocupar espaços de poder, com seu trabalho, evidentemente, mas também com o privilégio da ausência de racismo. Os negros migram em busca de oportunidades que não lhes deixem morrer de fome, ou fugindo

de sistemas opressores. Ou seja, a migração não é necessariamente um marcador social que propicia violência simbólica. É sempre um marcador de diferença, mas que, aliado a outros marcadores como os de raça/etnia, trarão à tona distinção e deferência ou desigualdade e violência. Estas, sempre presentes na história dos povos negros, em quaisquer espaços das Américas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sensibilidade da arte não poderia deixar escapar essa percepção do processo migratório, porque são a memória e a experiência dos negros. Tanto é que dos autores dos quatro romances analisados neste texto, por exemplo, três são migrantes em algum grau. Conceição Evaristo migrou de Minas Gerais para o Rio de Janeiro; Marlon James migrou de Kingston (Jamaica) para Minneapolis (EUA); Dionne Brand migrou de Guayaguayare (Trinidad e Tobago) para Toronto (Canadá). Só Colson Whitehead manteve-se nas origens. Ele nasceu e vive em Nova York, onde construiu sua carreira de escritor. Mas, ainda assim, é também filho da diáspora, e ele sabe disso.

Os autores afrodescendentes escrevem com essa dupla consciência de que são pertencentes a uma terra para onde seus ancestrais vieram forçadamente e passaram por um processo de escravização. Segundo o afro-britânico Paul Gilroy, citando o pensador negro estadunidense W. E. B. Du Bois, que desenvolveu o conceito de dupla consciência, toda a mobilidade negra nas Américas está ligada a esse fenômeno do Atlântico negro.

Assim, o artigo ora apresentado pretendeu demonstrar como literaturas negras perpassam a migração como ponto fundamental para a compreensão das múltiplas violências sofridas pelo povo negro, intensificando violências simbólicas para além de sua raça/etnia.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte - gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, P.; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia geral - Vol. 2: habitus e campo - Curso no Collège de France (1982-1983)**. Petrópolis: Vozes, 2021.

BRAND, D. **At the full and change of the moon**. New York: Grove, 1999.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela: a produção do "espaço criminalizado" no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, 2001.

JAMES, Marlon. **Breve história de sete assassinatos**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

MUSTAKEEM, Sowande' M. **Slavery at sea - terror, sex, and sickness in the Middle Passage**. Urbana: University of Illinois Press, 2016.

SMALLWOOD, Stephanie E. **Saltwater slavery: a Middle Passage from Africa to American diaspora**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

VETTORASSI, Andréa. **Laços de trabalho, fios da memória e redes migratórias**. Curitiba: Appris, 2018.

WHITEHEAD, Colson. **The Underground Railroad: os caminhos para a liberdade**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

Contribuições de autoria

1 - Gilberto Gomes Pereira

Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG

<https://orcid.org/0000-0002-0450-9723> • gilbertogpereira@gmail.com

Contribuição: Conceituação e escrita.

2 - Andréa Vettorassi

Doutora em Sociologia pela UNICAMP, docente da Faculdade de Ciências Sociais da UFG

<https://orcid.org/0000-0002-5615-4100> • avettorassi@ufg.br

Contribuição: Escrita, revisão e edição

Como citar este artigo

PEREIRA, G. G.; VETTORASSI, A. Travessias: Migração e violência simbólica nas tramas de literaturas negras. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 43, p. e85328, 2024. DOI: 10.5902/1679849X85328. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/85328>. Acesso em: dia mês abreviado ano.